

A HISTORIOGRAFIA FRANCESA E AS PRISÕES

*Maria José Moutinho Santos
Departamento de História da FLUP*

Considerações prévias

Em Novembro de 1989, numa feliz iniciativa de três docentes das secções de História e LLM – os Professores Oliveira Ramos, Eugénio dos Santos e Ferreira de Brito, com a colaboração da Prof. Fátima Outeirinho e de mim própria, teve lugar na FLUP um Colóquio Internacional, que fazia jus ao título da presente Mesa-Redonda, colocando numerosos investigadores a reflectirem sobre os Ecos da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil. Foi nesse contexto que conheci de perto o Prof. Ferreira de Brito. Partilhamos nessa altura as tarefas decorrentes do evento, sendo que, a partir daí o nosso relacionamento se aprofundou, o que me deixou profundamente honrada, tendo em conta a inteligência, o mérito, a cultura, mas também a graça, a força anímica que todos reconhecemos no nosso distinto amigo, que hoje é aqui homenageado.

Vem precisamente desse ano de 1989 o início do meu “vínculo académico” com os estudos sobre delinquência, crime e prisões, que iriam marcar todo o meu percurso posterior como investigadora. Estou certa que muito fiquei devendo à historiografia francesa ao decidir singrar por esses caminhos. Naturalmente que não enjeito os profundos ensinamentos que colhi noutros quadrantes, mas o percurso começou através dos textos franceses, e a sedução também...

Penso que não poderia ter sido de outra forma. Aliás, outros colegas, por certo que manifestariam de igual modo a vinculação dos seus trabalhos à influência decisiva das correntes historiográficas francesas, que vieram também renovar a historiografia portuguesa. Da escola dos “Annales” à Nova História há um fenómeno de expansão problemática da ciência e da prática históricas que esteve na base da formação de todos nós. Aprendemos com os grandes historiadores franceses o sentido do gosto pela escrita, o “dire juste avec les mots”. Seguimo-los nas perspectivas que nos abriram, reinventando ou reciclando fontes históricas, mudando o rumo das suas pesquisas das actividades das elites para os comporta-

mentos populares, das manifestações públicas para a intimidade das famílias, levando-nos também até ao limite do percurso, isto é, até ao estudo das minorias, dos deserdados da sorte e da fortuna. Estes “novos vestidos de Clio” não deixaram de fazer concessões ao interesse do grande público fascinado com as novas temáticas: – dos medos evocados por Delumeau (Delumeau, 1978), ao sofrimento e à morte chamados por Ariès (Ariès, 1975), Vovelle (Vovelle, 1974) ou Favre (Favre, 1978); à fala dos loucos, dos excluídos ou dos assassinos trazida por Foucault... Foucault que iria marcar indelevelmente o rumo da escrita da História, sobretudo após o seu livro *Surveiller et punir. Naissance de la prison* (Foucault, 1975), que constituiu um discurso heterodoxo sobre o poder e a autoridade, mas que trouxe, também, a marca de uma luta política onde Foucault se envolveu profundamente¹. “Le militant oriente le chercheur et le chercheur éclaire le militant”, nas palavras felizes de François Boullant (Boullant, 2003). Aliás, *Surveiller et Punir* colocou de uma forma original e nova a relação que a História mantém com o presente.

De facto, no início da década de setenta a França era o epicentro europeu de uma onda de contestação ao sistema penitenciário, que envolveu numerosas personalidades, nomeadamente do meio universitário, na luta em favor dos presos e na exigência de reformas. Como corolário dela, foi criado em 1971 por alguns intelectuais, entre os quais o próprio Foucault, o *Groupe d’information sur les prisons*, que num manifesto de Fevereiro desse ano afirmava: “Peu d’informations se publient sur les prisons; c’est une des régions cachées de notre système social, une des cases noires de notre vie. Nous avons le droit de savoir, nous voulons savoir. Nous nous proposons de faire savoir ce que c’est la prison(...) Ce n’est pas à nous de suggérer une réforme. Nous voulons seulement faire connaître la réalité...” O envolvimento de Foucault nessa luta que o apaixonou verdadeiramente será determinante em termos de resultados.

Se estes problemas afectavam outros países e, de modo particular, os Estados Unidos, a França seria, em todo esse processo, o território de eleição para onde se canalizaram os olhares, em grande parte pela posse dessa matriz fundadora: – a Declaração dos Direitos do Homem, que ao proteger a Liberdade, estabeleceu os grandes princípios da reforma penal e, mesmo sem o declarar expressamente, apelou para a reforma das prisões.

¹ Ele escreveria em *Dits et Écrits*: “Mes livres ont toujours été mes problèmes personnels avec la folie, la prison, la sexualité” (Foucault, 1994: 617).

Desta forma, por efeito da conjuntura política e social, pelas sequelas das perspectivas foucaudianas e pelos percursos trilhados pela Nova História, que teve em França os seus melhores cultores, surgia um importante envolvimento universitário na busca de outras abordagens à história penitenciária. Isso viria a reflectir-se na mudança dos métodos de pesquisa, dos objectos de análise, dos modelos e da finalidade dos estudos realizados, fruto também de uma contribuição decisiva vinda de outras áreas das ciências sociais.

Assim, ao longo da década de oitenta, em que as perspectivas de investigação se alteram um pouco, com os actores sociais a saírem da sombra e os historiadores a seguir os seus passos e as suas acções, são publicados em França dezenas de textos dedicados à historiografia penal e penitenciária, alguns deles absolutamente incontornáveis na perspectiva das abordagens, na novidade dos seus conteúdos, nas questões postas à prisão contemporânea.

Recordo o contributo de duas obras colectivas publicadas nos anos oitenta: *L'impossible prison. Recherches sur le système pénitentiaire au XIX siècle* (Perrot, 1980), dirigida por Michelle Perrot e *La prison, le bagne et l'histoire* (Perrot, 1984) que reflectia o trabalho de investigadores oriundos de diversos países dos dois lados do Atlântico, bem como *Écrits sur le système pénitentiaire* (Tocqueville, 1984) de Alexis de Tocqueville apresentado por M. Perrot, e *Le Désordre des familles* (Farge, 1982) de Arlette Farge em colaboração com Foucault.

A década de noventa consolidou a importância da historiografia francesa nesta matéria, de que ressalto *Ces peines obscures* de Jacques-Guy Petit (Petit, 1990), a edição crítica de *L'état des prisons* de John Howard da responsabilidade de Christian Carlier e J.G.Petit (Carlier/Petit, 1994) e, sobretudo, o belíssimo livro de Robert Badinter *La prison republicaine* (Badinter, 1992), a par de um outro importante trabalho colectivo: *Histoire des galères bagnes et prisons* com prefácio da reputada Michelle Perrot e com as contribuições de Nicole Castan, Claude Faugeron, Jacques-Guy Petit, Michel Pierre e André Zysberg (Perrot, 1991), ou ainda *La prison politique en France (XVIII-XIX)* de J.-C Vimont (Vimont, 1993).

Mas a prisão e outras formas de detenção penal, como o degredo e as casas de correcção, iriam suscitar, também, a emergência de uma bibliografia específica dos “territórios de fronteira”: da delinquência juvenil à criminalidade, da criminologia à história da justiça, etc., etc., textos que se tornaram indispensáveis à análise da questão penitenciária.

Outros textos foram (continuam a ser) de grande relevância para mim na construção do discurso histórico centrado em redor destas questões. Desde logo de Michel Foucault “*La vie des hommes infames*” (Foucault, 1994) e *Moi, Pierre Rivière ayant égorgé ma Mère, ma Soeur et mon Frère...* (Foucault, 1973), de Michelle Perrot *Postface à Bentham. Le Panoptique* (Perrot, 1977) de Michel de Certeau, sobretudo “*Le langage altéré. La parole de la possédée*” de *L’écriture de l’Histoire* (Certeau, 1975). De Arlette Farge o pequeno mas fascinante livro *Le goût de l’archive* (Farge, 1989) e *Lieux pour l’Histoire* (Farge, 1997) onde a autora reflecte sobre essa relação complexa que a História mantém com as palavras dos homens, sobretudo desses protagonistas especiais: os presos, os marginais, os criminosos, com os quais podemos correr o risco de nos deixarmos levar pela fascinação do seu infortúnio, de “adoptarmos” esses despojados e fazermos, por causa deles, uma escrita argumentativa. Esta é sem dúvida uma questão desafiadora para quem trabalha fundamentalmente com estes protagonistas, geralmente silenciados pela sua condição de miséria e de analfabetismo...

No limiar deste novo século, a França voltou a surpreender-nos pelas piores e pelas melhores razões. Em 2000 centraram-se mais uma vez nela as atenções gerais a propósito da questão penitenciária, com a publicação do livro polémico de Véronique Vasseur, médica na cadeia da Santé, sobre a miséria das prisões francesas (Vasseur, 2000). Trinta anos passados, a França dava de novo o mote para a questão penitenciária. Perante a surpresa, a perplexidade, o incómodo da classe política, e face à voracidade dos *media* em redor de problemas que continuavam por solucionar trinta anos depois, a historiografia penitenciária ganhava um novo folgo com todo este debate. Publicaram-se novos livros actualizando o estado da pesquisa, como sucedeu com *Histoire des prisons en France (1789-2000)* (Petit et al., 2002), *Histoire sociale de la justice en France de la Révolution à nos jours* (Chauvaud et al., 2003), *Michel Foucault et les prisons* (Boullant, 2003), *Le livre des vies coupables*, autobiografias de criminosos, textos editados e apresentados por Philippe Artières (Artières, 2000), ou de Michelle Perrot *Les ombres de l’histoire, crime et châtiment au XIX siècle* (Perrot, 2001); reeditaram-se outros e publicaram-se artigos em revistas especializadas², que man-

² Citem-se, como exemplo: a publicação de *Histoire des prisons en France (1789-2000)*, editado pela Privat em 2002 e que é uma reedição de diversos textos editados em 1991

tiveram em aberto e em plena actualidade questões que têm a ver com o falhanço do sistema prisional moderno criado com a Revolução Francesa. O estudo desse modelo, o entendimento dos seus próprios limites e da sua capacidade para se “auto-regenerar” são caminhos que têm a ver não só com a História mas, também, com os Direitos do Homem, áreas em que os contributos da Universidade serão sempre uma indiscutível mais valia.

Neste contexto, sinto-me uma eterna devedora da matriz francesa que me proporcionou profundos ensinamentos, me colocou enormes desafios mas, sobretudo, me dá o prazer inesgotável de voltar, sempre que o deseje, ao convívio dos “meus autores”, companheiros fiéis do meu quotidiano universitário...

Porto, 22 de Outubro de 2004

Referências bibliográficas

- ARTIÈRES, Philippe (ed.) (2000), *Le livre des vies coupables*, Paris, Albin Michel.
- BADINTER, Robert (1992), *La prison republicaine (1871-1914)*, Paris, Fayard.
- BOULLANT, François (2003), *Michel Foucault et les prisons*, Paris, PUF.
- CASTAN, Nicole e FAUGERON, Claude et al. (1991), *Histoire des galères, bagnes et prisons*, Paris, Éditions Privat.
- CERTEAU, Michel de (1975), *L'écriture de l'Histoire*, Paris, Éditions Gallimard.
- CHAUVAUD, F. et al (2003), *Histoire sociale de la justice en France de la Révolution à nos jours*, Paris, Ophrys.
- DELUMEAU, Jean (1978), *La peur en Occident*, Paris, Fayard.
- FARGE, Arlette (1989), *Le goût de l'archive*, Paris, Éditions du Seuil.
- FARGE, Arlette (1997), *Lieux pour l' Histoire*, Paris, Éditions du Seuil.
- FARGE, Arlette e FOUCAULT, Michel (1982), *Le désordre des familles*, Paris, Éditions Gallimard-Julliard.

em *Histoire des galères, bagnes et prisons*, da responsabilidade da mesma editora; a colectânea apresentada em 2001 por Monique Seyler sob o título *La prison immobile* da responsabilidade da Desclée de Brouwer; o artigo de Jacques Guy Petit *Prisons: Chronique d'une réforme impossible*, inserido no número especial de Janeiro de 2003 da revista HISTOIRE.

- FAVRE, Robert (1978), *La mort au siècle des Lumières*, Lyon, Pul.
- FOUCAULT, Michel (1994), *Dits et Écrits*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (1973), *Moi, Pierre Rivière ayant égorgé ma Mère, ma Soeur et mon Frère...*, Paris, Éditions Gallimard.
- FOUCAULT, Michel (1975), *Surveiller et punir. Naissance de la prison*, Paris, Gallimard.
- HOWARD, John (1994), *L'état des prisons*, Paris, Les Éditions de l'Atelier.
- PERROT, Michelle (1977), *Postface à Bentham. Le Panoptique*, Paris, Éditions Pierre Belfond.
- PERROT, Michelle (ed.) (1980), *L'impossible prison...*, Paris, Seuil.
- PERROT, Michelle (2001), *Les ombres de l'Histoire*, Paris, Flammarion.
- PETIT, Jacques-Guy et al. (2002), *Histoire des prisons en France (1789-2000)*, Paris, Éditions Privat.
- PETIT, Jacques-Guy, dir (1984), *La prison, le bagne et l'histoire*, Genève, Librairie des Méridiens.
- PETIT, Jacques-Guy (1990), *Ces peines obscures*, Paris, Fayard.
- TOCQUEVILLE, Alexis de (1984), *Écrits sur le système pénitentiaire*, Paris, Éditions Gallimard.
- VASSEUR, Véronique (2000), *Médecin-chef à la prison de la Santé*, Paris, Le Cherche-Midi.
- VIMONT, J-C. (1993), *La prison politique en France*, Paris, Anthropos.
- VOVELLE, Michel (1974), *Mourir autrefois*, Paris, Gallimard.